

A salvaguarda de revestimentos arquitectónicos e o problema da sua “apresentação” (PARTE II)

José Aguiar*

Da renovação avulsa para a consolidação estratégica: Évora, exemplar e pioneira (como sempre)

Para além do interesse estético-formal, como salientou Riegl¹, o valor patrimonial também se estabelece em função de valores acrescentados pelo tempo (*Alterswert*), na rarefacção de testemunhos sobreviventes (ou seja, da raridade do objecto enquanto documento).

Sendo assim, chegamos a um ponto crítico onde, ou se modificam as nossas estratégias, tomando medidas mais estritas de salvaguarda dos revestimentos arquitectónicos, ou podemos perder, a breve trecho, uma parte significativa do valor patrimonial e das expressões que identificam as nossas cidades históricas: a pele do seu rosto! Na realidade, algo que considerávamos abundante - os rebocos, guarnecimentos e pinturas à base de cal - são hoje já muito raros nos nossos centros históricos!

Penso chegado o momento estratégico em que, para além da capacidade de renovar e reparar revestimentos com técnicas ancestrais, temos agora também de encarar o recurso

às novas possibilidades abertas pela conservação estrita, tirando partido das tecnologias de consolidação de materiais porosos (através da restituição da adesão e da coesão) já disponibilizadas em décadas de restauro da pintura mural e da conservação da pedra. Ou seja: importa iniciar a adaptação e a transferência dessas técnicas para âmbitos mais latos, como é certamente o caso das fachadas arquitectónicas de elevado valor decorativo que ainda sobrevivem nos ditos "centros históricos".

Aqui importa, sobretudo, desenvolvermos um notável esforço de simplificação e adaptação tecnológica, para reduzir os níveis de exigência nas formas de uso dos produtos de tratamento e obter economias de escala (maior rentabilidade da mão-de-obra e redução do custo dos materiais a empregar).

Como exemplo destas novas possibilidades que agora se abrem, apresento o caso de uma intervenção recente, que considero verdadeiramente precursora e exemplar, desenvolvida em Évora.

Em 1999, no decorrer do apoio ao desenvolvimento de uma tese de mestrado em conservação² (Helena Mourato), encontrei, na Rua 5 de Outubro, uma fachada particularmente interessante: oculta sob caiações, sobrevivia o que parecia ser um revestimento azulejar, na realidade um fingido marcado com incisões (reproduzindo a estereotomia do azulejo) e pintado com tintas de cal, aplicado sobre um guarnecimento de pasta de cal. Nos remates, o mesmo edifício apresentava alguns esgrafitos muito belos e, no basamento, um guarnecimento carregado com agregados a imitar pedra. Este tipo de técnicas, outrora vulgares no interior do país, são hoje raras.

Sobre estes revestimentos tinham sido também aplicadas diversas camadas de tinta de cal e de acrílico. Os esgrafitos estavam adulterados por pintura desadequada, nos rebocos verificava-se fendilhação e microfissuração extensiva, existiam zonas afectadas pela presença da água (humidade capilar, mau estado do telhado e das caleiras) e um extensivo ataque biológico. O edifício precisava de obras e urgentemente.

A Câmara de Évora (através do Arq.º Nuno Lopes), sabedora do interesse do proprietário (a empresa de seguros Mundial Confiança), em vez de uma vulgar intervenção de reparação e de repintura, contrapôs a possibilidade de um restauro exemplar. Aceite o desafio, os trabalhos de conservação decorreram sob a responsabilidade da restauradora Ana Sofia Lopes, com a minha consultoria e de Irene Frazão, contando com o envolvimento activo da empresa de construção local Recuperévora³.

As camadas de tinta sobre os fingidos de azulejos e esgrafitos foram removidas por meios mecânicos, o ataque biológico resolveu-se pela aplicação de biocidas e posterior lavagem com detergente neutro; procedeu-se à re-adesão dos revestimentos (aplicando grouting's) e colmatação de fendas nos rebocos; resolveram-se as lacunas aplicando novas argamassas à base de cal aérea (bastardas numa primeira camada, cal aérea e areia de sílica na segunda e até ao nível, depois guarnecendo com pasta de cal) e procedeu-se à sua reintegração cromática. Para conseguir uma adequada apresentação, sem demasiado ruído no tecido figurativo, as pinturas mais ténues foram reavivadas com tinta de cal adjuvada com uma baixa percentagem de



Évora, edifício na Rua 5 de Outubro, antes do restauro.

Primal, utilizando-se pigmentos inorgânicos similares aos originais.

O resultado final tem sido um notável êxito popular. Já eram poucos os que se lembravam de Évora do antes da tirania do branco (de normativa fascista), ou do mais populista *quer-parecer*-"oca" de remate-amarelo-artificial sobre dióxido de titânio, ambos emulsionados em acrílicos (hoje, a usual vulgata).

A apresentação final deste edifício repôs uma imagem oculta, a de uma Évora de rosto urbano e eclético, a qual em grande medida define, ainda hoje, o essencial da imagem urbana desta cidade, enquanto interpretação de lógica tardo-oitocentista e novecentista - do tempo áureo da cultura das cidades - que assimilou os sedimentos de outros tempos, do classicismo romano ao Mudejar, do Manuelino ao Barroco. No mesmo barco, numa viagem com o mesmo rumo, navegaram responsáveis municipais, investigadores, arquitectos, restauradores, empresas construtoras, operários. Como pela primeira vez, juntos, não procuraram contrariar a irreversível marcha do tempo e não tentaram abolir a história: tentaram conservar(muito) apenas.

Terminar o restauro quando a dúvida começa e interditar toda a hipótese!

Dos difíceis problemas que hoje, na conservação e sobre o tema aqui tratado, defrontamos, parecem-me maiores os que se prendem com a teoria de projecto (ou da sua falta): quer dizer, os que se resolveriam na discussão teórica entre as práxis e as garantias da transmissibilidade de relações fulcrais para a identidade e significado da imagem urbana consolidada, através da continuidade dos valores

estético-antropológico-culturais que se representam na imagem visual de arquitecturas históricas.

Como afirmou Lamberini⁴, hoje entendemos a conservação mais como uma hipótese de transformação (com assimilação) moderna do antigo do que como uma interpretação cautelosa que conduza à salvaguarda e restauro das preexistências. Nesse caminho, fundamos uma prática disciplinar de cariz eminentemente projectual, que subvaloriza a conservação e opta, obsessivamente, pela transformação, alicerçando-a nas expectativas de reutilizações imediatas: (i) ditadas pelo primado dos gostos, idiosincrasias e usos actuais (excessivamente vinculada aos valores do tempo, portanto); (ii) decorrentes de objectivos preponderantemente económicos e de mercado (tantas vezes eminentemente especulativo); e/ou, ainda, (iii) de vontades políticas (o mais das vezes) incompativelmente apressadas. Pousadas e habitação social massiva... ainda!



Évora, Rua 5 de Outubro, pormenor das superfícies após do restauro.



Évora, 5 de Outubro, edifício após o restauro.

Como já escrevi anteriormente⁵, seguindo os ensinamentos de Paul Philippot⁶, penso que o principal problema crítico que hoje se nos coloca, quando confrontados com decisões sobre o futuro de revestimentos, de superfícies e da cor da arquitectura e cidade históricas - sobretudo quando colocados perante vestígios arqueológicos e provas sedimentares concretas do seu tempo e matéria -, é determinar até que ponto a sua função estética, na reconstrução da leitura de uma dada imagem, pode ainda ser restabelecida ou não. A procura de respostas reenvia-nos obrigatoriamente para Cesare Brandi⁷ e para a sua teoria do restauro fundada sobre a unidade potencial das obras fragmentadas, assim como para a questão da salvaguarda da autenticidade, que nos obriga a limitar as intervenções à capacidade potencial dos restos efectivamente preservados.

O problema resolver-se-ia, então, numa reconstrução arqueológica (que tomaria

como base interpretações tipológicas da cor, já que muitas vezes é possível reconstruir o todo de uma decoração e refazer, com base na sistematicidade, o

"puzzle" arquitectónico e cromático). Isto na condição, claro está, de que existiriam em quantidade e em qualidade os elementos, as provas materiais necessá-

rias. Na realidade, entre nós, as reconstruções feitas com base na consideração acrítica de vestígios detectados e em tentativas da sua reposição, recorrendo a materiais e tecnologias outros, têm conduzido a um global processo de falsificação histórica.

Porque, na prática, esquecemos o primado brandiano segundo o qual "o restauro [sempre] termina onde a hipótese começa", importa hoje seguirmos, de novo, Philippot e "interditar toda a hipótese". Pela conservação... *tout court!*

* Arq.º, Doutor em Conservação pela U.E., Investigador Auxiliar do LNEC, Professor Auxiliar da CEUL.

¹ A. Riegl, *Le culte moderne des monuments, Son essence et sa genèse*, Paris, Éditions du Seuil, 1984.

² Helena Mourato, *Salvaguarda da imagem urbana de natureza histórica de Évora, a Praça do Giraldo*, Évora, UE, 2000, (Dissertação de Mestrado, aguardando discussão pública).


³ Os trabalhos decorreram entre o fim da Primavera e início do Verão de 2000.

⁴ Consulte-se Daniela Lamberini, "Restauro Arquitectónico e Pesquisa Histórica", em *Arquitetura e Engenharia Civil: Qualificação para a reabilitação e a conservação*, Lisboa, GECORPA, 2000, p. 75.

⁵ J. Aguiar, "Alguns problemas nos estudos e projectos cromáticos, em intervenções de conservação do património urbano", Lisboa, Seminário sobre cor e conservação de superfícies arquitectónicas, LNEC, 2 e 3 de Dezembro, 1999.

⁶ O essencial encontra-se no artigo: Paul Philippot, "La restauration des façades peintes: du problème critique au problème technique", *Facciate Dipinte, conservazione e restauro, Atti del convegno di studi*, Genova, Sagep Editrice, 1982, pp. 105-107. Ver também de Paul Philipot, *Historic Preservation: Philosophy, Criteria, Guidelines*. Em *Proceedings of the Northamerican Int. Regional Conference*, Pennsylvania, 1972.

⁷ Cesare Brandi, *Teoria del Restauro*, 1963, Turim, Piccola Biblioteca Einaudi, 1977 (2ª ed.).



CONSULMAR AÇORES
PROJECTISTAS E CONSULTORES, LDA

**PROJECTAMOS A SUA IDEIA
POR UM FUTURO COM HISTÓRIA**

PROJECTOS DE ARQUITECTURA E ENGENHARIA
PLANEAMENTO, GESTÃO E FISCALIZAÇÃO DE OBRAS

Av. Infante D. Henrique, Bloco 1 - 5º esq.
9500-100 PONTA DELGADA

Email: consulmarazo@gmail.com telepac.pt

Fax: 351 298 829 868 Tel: 351 298 829 590

A./ cruzeta